

33

Minas enigma

Minas além do som, Minas Gerais.

Carlos Drummond de Andrade

Se sou mineiro? Bem, é conforme, dona. (Sei lá por que ela está perguntando?) Sou de Belzonte, uai.

Tudo é conforme. Basta nascer em Minas para ser mineiro? Que diabo é ser mineiro, afinal? Inglês misturado com oriental? É fumar cigarro de palha?

Em suma: ser mineiro é esperar pela cor da fumaça. É dormir no chão para não cair da cama. É plantar verde para colher maduro. É não meter a mão em cumbuca. Não dar passo maior que as pernas. Não amarrar cachorro com lingüiça.

Porque mineiro não prega prego sem estopa. Mineiro não dá ponto sem nó. Mineiro não perde trem. Mas compra bonde.

Compra. E vende para paulista.

Evém o mineiro. Ele não olha: espia. Não presta atenção: vigia só. Não conversa: confabula. Não combina: conspira. Não se vinga: espera. Faz parte de seu decálogo, que alguém já elaborou. E não enlouquece: piora. Ou *declara*, conforme manda a delicadeza. No mais, é confiar desconfiando. Dois é bom, três é comício. Devagar que eu tenho pressa.

125

Apólogo mineiro: o boi velho e o boi jovem, no alto do morro – lá embaixo uma porção de vacas pastando. O boizinho, incontento:

– Vamos descer correndo, correndo, e pegar umas dez? E o boizão, tranquilamente:

– Não: vamos descer devagar, e pegar todas.

Mais vale um pássaro na mão. A Academia Mineira, há tempos, pagava um *jeton* ridículo: 200 cruzeiros – anti-gos, é lógico. Um dos imortais, indignado, discursava o seu protesto:

– Precisamos dar um jeito nisso! Duzentos cruzeiros é uma vergonha! Ou 500 cruzeiros, ou nada! Ao que um colega prudentemente aparteou:

– Pera lá: ou 500 cruzeiros, ou 200 mesmo.

Um Estado de nariz imenso, um estado de espírito: um jeito de ser. Manhoso, ladino, cauteloso, desconfiado – prudência e capitalização:

– Meu filho, ouça bem o seu pai: se sair à rua, leve o guarda-chuva, mas não leve dinheiro. Se levar, não entre em lugar nenhum. Se entrar, não faça despesas. Se fizer, não puxe a carteira. Se puxar, não pague. Se pagar, pague somente a sua.

Mas todos os princípios se desmoronam diante de um lombo de porco com rodela de limão, tutu de feijão com torresmos, lingüiça frita com farofa. De sobremesa, goiabada cascão com queijo palmira. Depois, cafezinho requeijado com requeijão. Aceita um pão de queijo? Biscoito de polvilho? Brevidade? Ou quem sabe uma broinha de fubá? Não, dona, obrigado. As quitandas me *apertencem*, mas prefiro um golinho de januária, e pronto: estou *sastisfeito*...

Falar de Minas, trem danado, só. Vasto mundo! Ah, se eu me chamasse Raimundo. Dentro de mim uma corrente de nomes... e evocações antigas, fluindo como o Rio das

126

Velhas no seu leito de pedras, entre cidades inemoriais. Prefiro estancá-las no tempo a exaurir-me em impressões arrancadas aos pedaços, e que aos poucos descobririam o que resta de precioso em mim – o mistério de minha terra, desafiando-me como a esfinge com o seu enigma: decifra-me, ou devoro-te.

Prefiro ser devorado

W. SABINO, Fernando. "As melhores crônicas de Fernando Sabino". Rio de Janeiro: Best

Bolso, 2008, pág. 125-127.

127